

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E *STALKING* PÓS-RUTURA: DINÂMICAS, *COPING* E IMPACTO PSICOSSOCIAL NA VÍTIMA

Célia Ferreira¹
Marlene Matos²

[Enviado a 29-05-2012. Aceite a 20-09-2012]

Resumo: Este artigo reflete uma realidade pouco conhecida no plano nacional – o *stalking* após a rutura de uma relação abusiva. Nesse contexto, o objectivo era conhecer as dinâmicas associadas a esta modalidade de vitimação, as respostas das vítimas face à mesma e os preditores de desajustamento psicossocial na vítima. A amostra foi constituída por 104 mulheres que foram vítimas de abuso na relação e de *stalking* após o seu término. Os resultados ilustram a natureza prolongada do *stalking* e documentam um *continuum* de ações que engloba atos com uma gravidade bastante distinta. A maioria das inquiridas relatou medo face ao *stalking* e admitiu que este influiu negativamente na sua vida. Apesar de tudo, as vítimas revelaram-se ativas na gestão deste tipo de violência, empreendendo diferentes estratégias de *coping*. A frequência média dos comportamentos de *stalking* e o *coping* de não evitamento surgiram como preditores de desajustamento psicossocial. É, pois, necessário um maior investimento ao nível da investigação e das práticas para combater este problema.

Palavras-Chave: *Stalking*, Violência doméstica, Rutura, Reações emocionais, *Coping* e Impacto psicossocial

Domestic violence and post-relationship stalking: Dynamics, coping and victim's psycho-social impact (Abstract): This article reflects on a nationally insufficiently known reality – stalking after the breakup of an abusive relationship. Being so, the

¹ Escola de Psicologia, Universidade do Minho, *Campus* de Gualtar, 4710-057 Braga. ISMAI – Instituto Superior da Maia, Av. Carlos Oliveira Campos – Castelo da Maia, 4475-690 Avioso, S. Pedro

² Escola de Psicologia, Universidade do Minho, *Campus* de Gualtar, 4710-057 Braga. Endereço eletrónico para correspondência: Célia Ferreira; celia.psi@gmail.com

aim was to get to know the dynamics associated to this type of victimisation, the answers victims gave to it and the predictors of psycho-social maladjustment on the victim. The sample was constituted by 104 women who were victims of abuse during the ex-relationship and of stalking after they ended the relationship. Results have pointed out the prolonged nature of stalking and documented a *continuum* of actions referring to extremely different acts on what concerns their seriousness. The majority of the victims reported fear when dealing with stalking and admitted it had a negative influence on their lives. However, these women have assumed an active position when dealing with it and have developed different coping strategies. The mean frequency of stalking behaviours and unavoidable coping came out as predictors of psycho-social maladjustment. So, a greater investment on what concerns research and practices to fight this problem is needed.

Keywords: Stalking, Domestic violence, Breakup, Emotional Reactions, Coping and Psycho-social impact

O *stalking* tem sido entendido como um “fenómeno social e comportamental complexo” (O’Connor & Rosenfeld, 2004, p. 4), sendo possível encontrar na literatura diferentes definições para o problema (Spitzberg, 2002; Spitzberg & Cupach, 2007). Porque nenhuma definição linear nos parece capaz de captar a pluralidade de experiências envolvidas nesta realidade, destacamos aquela que, pela sua amplitude, parece mais integradora: “padrão de comportamentos de assédio persistente, que se traduz em formas diversas de comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa” (Grangeia & Matos, 2010, p. 124), o qual assume um carácter intrusivo e/ou indesejado para o alvo e pode ser mediado por motivações diversas.

De facto, o *stalking* inclui um espectro diversificado de comportamentos, desde atos aparentemente “inócuos” (e.g., oferecer flores) até outros explicitamente intimidatórios (e.g., ameaças, perseguição), que tendem a escalar em frequência e gravidade ao longo do tempo, podendo mesmo associar-se a outras formas de violência física e/ou sexual (cf., Spitzberg & Cupach, 2007).

Embora os comportamentos de *stalking* não constituam uma novidade (e.g., Meloy, 2007), aquilo que hoje se reconhece como uma forma particular de violência foi, durante séculos, socialmente aceite e até reforçado, com base nos ideais do romantismo e da paixão (Mullen, Pathé, & Purcell, 2001). Numa análise da literatura internacional sobre o fenómeno percebe-se que o termo apenas adquiriu visibilidade social no início dos anos 90, quando os *media* norte-americanos começaram a usar esta designação para descrever situações de perseguição a figuras – públicas (Lowney & Best, 1995). A atenção mediática dedicada a estes casos desencadeou o reconhecimento

público do problema e patrocinou um conjunto de reformas legislativas com vista à criminalização da conduta (iniciadas na Califórnia em 1990). Mais tarde (entre 1992 e 1994), grupos feministas e de apoio às vítimas vieram defender um enquadramento mais lato para o fenómeno, importando o conceito para o domínio da violência doméstica (*idem*).

Os inquéritos de vitimação posteriormente conduzidos neste domínio em diferentes países (cf., Grangeia & Matos, 2010) serviram para denunciar a elevada prevalência do problema e a sua transversalidade, fornecendo sustentação empírica à concetualização do *stalking* como um fenómeno de violência interpessoal, genderizado, frequentemente perpetrado sobre mulheres por homens no contexto de relações íntimas (cf., Spitzberg & Cupach, 2007).

Neste contexto específico, embora os estudos mostrem que os comportamentos de *stalking* podem emergir em diferentes momentos da trajetória relacional, entendemos que a sua concetualização terá de ter em conta as motivações que lhe estão subjacentes. Tipicamente, dois propósitos fundamentais presidem a este padrão de conduta: a tentativa de reconciliação e/ou o desejo de vingança pela separação, sendo certo que muitos destes *stalkers* facilmente flutuam entre estes dois pólos (e.g., Burgess, Harner, Baker, Hartman, & Lole, 2001; Morewitz, 2003). Neste sentido, cruzando estas duas dimensões, concetualizamos o momento pós-rutura como o mais vulnerável para a emergência desta modalidade de vitimação enquanto padrão específico de violência (embora reconheçamos que comportamentos desta natureza possam emergir ainda durante o curso da união).

O *stalking* neste contexto não passou despercebido junto dos investigadores, estabelecendo-se hoje como um campo fértil de estudo e reflexão. Atualmente, é consensual que o *stalking* constitui uma faceta específica e particular da violência na intimidade, embora esteja sobejamente documentada a sua relação com outras formas de abuso na esfera relacional (e.g., Basile & Hall, 2010; Miller, 2006).

Comparativamente a outros cenários de *stalking* (e.g., entre desconhecidos, no contexto de relações profissionais), os dados empíricos ilustram que o *stalking* perpetrado por ex-parceiros é caracterizado por uma maior diversidade e frequência de estratégias (e.g., Mohandie, Meloy, McGowan, & Williams, 2006) e um maior risco de violência física, de persistência e reincidência dos comportamentos (cf., McEwan, Mullen, & Purcell, 2007). A literatura da especialidade tem mesmo identificado o *stalking* neste contexto como um importante fator de risco para a ocorrência de formas potencialmente letais de violência, reforçando a elevada perigosidade associada a este tipo de conduta (e.g., Campbell, Glass, Sharps, Laughon, & Bloom, 2007).

Segundo Logan e Walker (2009), este tipo de *stalkers* pode ver a sua “missão” facilitada pelo facto de possuir informações pormenorizadas sobre as

rotinas da vítima, conhecer bem nichos da sua vida privada (e.g., preocupações, fragilidades) e por usufruir, quase sempre, de mais oportunidades de contacto com aquela, principalmente se tiverem filhos e/ou amigos em comum; além disso, a escalada para atos de violência mais severa poderá ser facilitada porque muitas barreiras foram já quebradas durante a relação passada.

Para além do risco e dos custos macro-económicos que decorrem da vitimação por *stalking* (*Centers for Disease Control and Prevention*, 2003 como citado em Spitzberg & Cupach, 2007), os autores que estudam o fenómeno e os clínicos que nele intervêm são unânimes quanto aos custos individuais que esta conduta acarreta para as vítimas, designadamente ao nível do estilo de vida, ao nível da saúde física e, em particular, ao nível da saúde psicológica (cf. Mechanic, 2002).

Especificamente, a literatura sobre os efeitos do *stalking* no âmbito de relacionamentos íntimos ilustra várias consequências emocionais associadas a este tipo de experiência, traduzidas em condições de grande vulnerabilidade pessoal (Brewster, 1998; Kamphuis, Emmelkamp, & Bartak, 2003; Logan, Shannon, Cole, & Walker, 2006). Por exemplo, num estudo conduzido junto de uma amostra de 187 mulheres vítimas de *stalking* após a rutura relacional, Brewster (1998) concluiu que praticamente todas (99%) experienciaram uma redução na qualidade de vida em consequência da conduta levada a cabo pelo ex-parceiro; além disso, as vítimas relataram uma grande diversidade de respostas emocionais, nomeadamente desconfiança (44.4%), medo (41.7%), nervosismo ou agitação (31%), raiva (26.7%), paranóia (35.7%) e sintomatologia depressiva (21.4%).

Também o trabalho de Mechanic, Uhlmansiek, Weaver e Resick (2002) documenta a extensão dos sintomas psicológicos numa amostra de mulheres batidas vítimas de *stalking*. Os dados ilustram que aquelas que foram alvo de *stalking* mais severo manifestavam índices superiores de indicadores traumáticos; além disso, apesar de todas as vítimas exibirem níveis elevados de depressão, os sintomas depressivos mais severos estavam associados a experiências de *stalking*, também, mais severas. Contudo, é necessário explorar mais detalhadamente o efeito individual do *stalking* nas vítimas.

Para além das respostas emocionais, a reação das vítimas ao *stalking* contempla outro tipo de respostas, de natureza estratégica (Dutton, 1993, 1996 como citado em Mechanic, Uhlmansiek et al., 2002), comumente designadas na literatura como estratégias de *coping*. Os comportamentos empreendidos pelas vítimas podem assumir múltiplas formas, podendo passar, por exemplo, pela alteração de contactos pessoais, pela implementação de medidas de segurança, pela mudança de residência ou pela procura de apoio formal e/ou informal (e.g., Brewster, 1998; Mechanic, Uhlmansiek et al., 2002). Spitzberg e Cupach (2001, 2007; Spitzberg, 2002) criaram uma tipologia de *coping* que organiza as estratégias tipicamente adotadas pelas

vítimas de *stalking* (em geral) em cinco principais categorias: *Moving With*, *Moving Against*, *Moving Away*, *Moving Inward* e *Moving Outward*. As estratégias de *Moving With* representam esforços da vítima para negociar com o *stalker*, visando uma resolução pacífica do problema; contudo, porque podem ser racionalizadas por aquele, são consideradas ineficazes e potencialmente reforçadoras dos comportamentos de *stalking*. As estratégias de *Moving Against* constituem tentativas da vítima para confrontar o *stalker* (e.g., ameaçar, agredir) e são também desaconselhadas, não só porque patrocinam oportunidades de interação, mas também porque podem despoletar represálias e condicionar a credibilidade de ações futuras (e.g., ameaçar chamar a polícia). Por sua vez, as vítimas podem optar por comportamentos do tipo *Moving Away*, através dos quais procuram evitar o *stalker* e qualquer possibilidade de contacto ou interação com aquele. Apesar de estas estratégias terem a desvantagem de atribuir à vítima maior responsabilidade pelo curso do *stalking*, são tidas como as mais eficazes a curto e longo-prazo. As estratégias de *Moving Inward* ilustram a opção da vítima em negar, minimizar ou redefinir a situação, por exemplo, através do recurso à medicação ou consumo de substâncias; embora possam ser úteis na gestão a curto prazo do *stress* inerente à vitimação sofrida, é pouco provável que contribuam para alterar a conduta do *stalker* e podem mesmo deixar a vítima mais vulnerável a futuros ataques. Finalmente, as opções tipificadas como *Moving outward* centram-se na procura de apoio junto de terceiros, quer formal quer informal, e são globalmente tidas como eficazes.

Porém, os trabalhos que têm produzido evidências científicas sobre *coping* nas situações de *stalking* em contexto de relacionamentos íntimos encerram algumas limitações relevantes: baseiam as suas conclusões em exemplos de estratégias particulares – *versus* categorias de *coping* mais abrangentes (e.g., Brewster, 1998; Mechanic, Uhlmansiek et al., 2002) ou recorrem exclusivamente a amostras de estudantes universitários (e.g., Dutton & Winstead, 2010).

Concomitantemente, importa não ignorar que aquilo que sabemos acerca do *stalking* no âmbito de relações íntimas continua a chegar-nos, quase exclusivamente, de investigações noutros países. Em Portugal, esta realidade tem sido pouco estudada, embora, tal como sublinhado por alguns autores (e.g., O'Connor & Rosenfeld, 2004; Sheridan, Blaauw, & Davies, 2003), a singularidade desta forma de vitimação imponha a necessidade de novos contributos, capazes de patrocinar um conhecimento mais profundo e contextualizado do fenómeno, sensível a realidades e influências socioculturais particulares.

Assim, na origem deste trabalho estiveram motivações diversas. Desde logo, a ausência de investigações nacionais acerca desta temática específica levanta muitas questões, de natureza variada. Por outro lado, procurou-

-se através deste trabalho colmatar outras lacunas presentes na literatura internacional, nomeadamente analisar, através do recurso a categorias abrangentes, o tipo de respostas emocionais e estratégicas associadas a este cenário específico de violência, assim como discriminar o impacto específico das diferentes formas de violência sofridas pelas vítimas de violência durante a relação e de *stalking* após a rutura.

Assim, através da experiência de mulheres vítimas, pretendeu-se com este estudo quantitativo (1) caracterizar as dinâmicas do *stalking* pós-ruptura, explorando a sua relação com características da ex-relação; (2) identificar as respostas emocionais consequentes a esta forma de vitimação e o tipo de estratégias de *coping* adotadas pelas vítimas; e (3) avaliar o impacto psicossocial exibido pelas vítimas, identificando os fatores preditores de desajustamento psicossocial clinicamente significativo.

Método

Participantes

A idade das participantes estava compreendida entre os 19 e os 69 anos, com uma média de 37.64 anos ($DP = 11.09$). De acordo com aquelas, a idade dos respetivos *stalkers* variava entre os 16 e os 70 anos, com uma média de 41.36 anos ($DP = 11.41$).

A maioria das vítimas (85.4%) era de nacionalidade portuguesa. Do total, 35.9% residia na região norte do país e 42.7% na região centro. No que concerne às habilitações literárias, 3/4 das participantes possuía um grau de qualificação igual ou inferior ao 3º Ciclo do Ensino Básico. A maioria pertencia à população ativa (66%), estando as restantes desempregadas, reformadas ou a estudar. Em média, as vítimas auferiam 532.73 euros mensais ($DP = 365.58$). Mais de metade da amostra (64.4%) classificou o seu nível sócio-económico (NSE) como baixo ou médio-baixo.

À data da realização do estudo, 26.3% das participantes afirmou estar envolvida num novo relacionamento íntimo, embora a maioria (69.2%) não coabitasse com o novo companheiro (cf. Tabela 1).

Tabela 1: Características sociodemográficas da amostra

	<i>M (DP; Min., Max.) / % (N^a)</i>
Idade da vítima	37.64 (11.09; 19, 69)
Idade do <i>stalker</i>	41.36 (11.41; 16, 70)
Nacionalidade	
Portugal	85.4 (88)
Países da América do Sul	4.9 (5)
PALOP's	3.9 (4)
Países do Leste Europeu	1.9 (2)
Outros Países Europeus	3.9 (4)
Região do País	
Norte	35.9 (37)
Centro	42.7 (44)
Lisboa e Vale do Tejo	11.7 (12)
Algarve	1.9 (2)
R.A. Açores	2.9 (3)
R.A. Madeira	4.9 (5)
Habilitações Literárias	
1º Ciclo EB	23.8 (24)
2º Ciclo EB	25.7 (26)
3º Ciclo EB	25.7 (26)
Secundário	12.9 (13)
Licenciatura	11.9 (12)
Situação Laboral	
Empregada	66 (68)
Desempregada	28.2 (29)
Reformada	1.9 (2)
Estudante	3.9 (4)
Rendimento Mensal (€)	532.73 (365.58; 0, 2600)
NSE	
Baixo	40.6 (41)
Médio-Baixo	23.8 (24)
Médio	29.7 (30)
Médio-Alto	5.9 (6)
Envolvimento amoroso	
Sem relação atual	73.7 (73)
Com relação atual	26.3 (26)
Coabitação	
Não	69.2 (18)
Sim	30.8 (8)

Nota. ^aOs N's totais variam ligeiramente devido aos *missings*, pelo que são reportadas as percentagens válidas.

Instrumentos

– Inventário de Violência Conjugal – Parte B – Versão 3 (I.V.C.-B-3; C. Machado, M. Matos, & M. Gonçalves, 2006, adaptado por C. Ferreira & M. Matos, 2009): Este instrumento de autorrelato permite identificar a vitimação e perpetração de comportamentos abusivos durante as relações de intimidade. É composto por 21 itens (o último dos quais com a opção “Outros”), que correspondem a comportamentos emocional e fisicamente abusivos (e.g., “Gritar ou ameaçar, para meter medo”; “Dar uma sova”). Cada item é avaliado numa escala de frequência de 3 pontos (0 = “Nunca”, 1 = “Uma vez” e 2 = “Mais do que uma vez”). Para este estudo foi utilizada apenas a Parte B do instrumento (relativa a relações passadas) e foi dada a instrução às participantes para que respondessem com base no relacionamento que mantiveram com o *stalker*, utilizando a designação “ex-parceiro”.

– Inventário de Comportamentos de *Stalking* – Versão 2 (I.C.S.-2; H. Grangeia, M. Matos, & C. Machado, 2008, adaptado por C. Ferreira & M. Matos, 2009): Este instrumento de autorrelato permite identificar a vitimação por *stalking*, sendo composto por 36 itens (o último dos quais com a opção “Outros”), que correspondem a três tipos de comportamentos (Grangeia & Matos, em preparação): ‘Cortejamento & Aproximação’ (estratégias de comunicação e/ou contacto com o objetivo de expressar afeto ou outros sentimentos; e.g., “Deu, ou deixou para serem encontrados, presentes”), ‘Assédio & Invasão’ (estratégias para obter informações sobre a vítima, invadir a sua privacidade ou individualidade; e.g., “Vigiu ou controlou o meu comportamento”) e ‘Ameaças & Violência’ (ações interpostas para influenciar o comportamento da vítima ou provocar dano real; e.g., “Agarrou-me ou impediu-me de continuar o meu percurso”). Cada item é avaliado numa escala de frequência de 5 pontos (0 = “Nunca”, 1 = “Uma vez”, 2 = “2 a 3 vezes”, 3 = “4 a 5 vezes”, 4 = “Mais de 5 vezes”). Para este estudo foi dada a instrução às participantes para que respondessem com base na conduta levada a cabo pelo ex-parceiro após o término do relacionamento.

– *Outcome Questionnaire – 45.2* (OQ-45.2; Lambert & Burlingame, 1996, versão portuguesa adaptada por Machado & Fassnacht, em preparação): Este instrumento de autorrelato foi selecionado por fornecer uma medida do ajustamento e perturbação psicossocial dos indivíduos. É composto por 45 itens de tipo *Likert*, cotados numa escala de “Nunca” (0) a “Quase sempre” (4). Neste estudo, foi apenas considerado o *score* total. O *Alpha de Cronbach* obtido nesta amostra de investigação ($\alpha = .92$) sugere uma boa consistência interna.

– Questionário padronizado sobre: (i) Características sociodemográficas; (ii) Outras características da ex-relação, nomeadamente duração, tipo, sexo do ex-parceiro, percepção face à qualidade do relacionamento e tempo

decorrido desde a rutura; (iii) Outras características do *stalking* pós-rutura, especificamente curso, duração, sentimentos face à experiência, forma como a mesma afetou as suas vidas e como as vítimas a avaliavam; (iv) Tipo de estratégias de *coping* adotadas face aos comportamentos de *stalking* sofridos. Especificamente, face a um conjunto de seis diferentes tipos de estratégias (adaptado de Spitzberg & Cupach, 2001, 2007; Spitzberg, 2002), pediu-se às participantes que indicassem todas aquelas que empreenderam, pelo menos uma vez, como resposta aos comportamentos de *stalking* perpetrados pelo ex-parceiro (e.g., “Negocieei, de forma pacífica, com o meu ex-parceiro de modo a que ele terminasse estes comportamentos”; “Procurei apoio junto de amigos ou familiares”).

Procedimentos para seleção da amostra e recolha dos dados

Para este estudo foram contactadas diversas instituições de apoio a vítimas, solicitando a sua colaboração através da identificação de potenciais participantes que, aceitando colaborar nesta investigação, cumprissem os critérios de inclusão definidos, nomeadamente: (i) ser do sexo feminino e (ii) ter sido alvo, em algum momento das suas vidas, de assédio persistente por parte de um ex-parceiro íntimo do sexo masculino, traduzido em comportamentos de perseguição, vigilância, monitorização, intimidação, ameaça ou de outras formas de comunicação ou contacto, repetido e indesejado. Sublinhe-se que no contacto com as instituições foi sempre utilizado o conceito de ‘assédio persistente’ uma vez que o termo ‘*stalking*’ encontra-se ainda pouco difundido na sociedade portuguesa.

A recolha dos dados efetuou-se entre fevereiro de 2009 e janeiro de 2010. A administração ocorreu nas instituições de apoio que colaboraram, com um tempo médio de resposta de 30 minutos. Não foi dada às participantes qualquer compensação económica e aquelas foram sempre devidamente informadas acerca do caráter anónimo e voluntário da sua participação, tendo fornecido o seu consentimento informado para a participação nesta investigação.

No total, 106 vítimas de *stalking* pós-rutura completaram o questionário. Destas, 98.1% ($n = 104$) foram alvo de maus tratos físicos e/ou emocionais durante a relação com o *stalker*. Atendendo a esta preponderância, apenas as vítimas com história de violência durante a ex-relação foram incluídas na análise, perfazendo uma amostra final de 104 mulheres vítimas.

Resultados

Para a realização de todas as análises estatísticas recorremos ao *software* informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 18.0.

Em primeiro lugar, começámos por analisar os dados descritivos relativos às dinâmicas de violência, referentes aos maus tratos sofridos e perpetrados durante a ex-relação, assim como à conduta de *stalking* experienciada após a rutura. Investigámos de seguida a relação entre as características da ex-relação e as características do *stalking* sofrido após a separação.

Em segundo lugar, caracterizámos as respostas emocionais e as estratégias de *coping* face à campanha de *stalking* vivenciada. Analisámos ainda o nível de impacto psicossocial manifestado pelas participantes à data da realização do estudo, assim como a relação entre esta variável de sintomatologia e outras variáveis do estudo, nomeadamente características socio-demográficas, características da ex-relação, característica da campanha de *stalking* e tipo de estratégias de *coping* empreendidas.

A este propósito, importa sublinhar que sempre que trabalhámos com variáveis intervalares, começámos por conduzir uma análise exploratória de dados de forma a verificar se estavam cumpridos os pressupostos subjacentes à utilização de testes paramétricos. Tendo verificado que tais requisitos não estavam reunidos, utilizámos a estratégia de calcular ambos os testes: paramétricos (*t-student* e *Coefficiente de Correlação de Pearson*) e seus equivalentes não paramétricos (*Mann-Whitney* e *Coefficiente de Correlação de Spearman*, respectivamente). Tal como aconselhado por Fife-Schaw (2000), sempre que as conclusões retiradas dos dois conjuntos de testes se mantinham, optámos por apresentar os resultados dos testes paramétricos; nos casos em que as conclusões eram discrepantes, apresentámos os resultados dos testes não paramétricos.

Por último, procedemos a uma análise de regressão logística para identificar os fatores preditores de desajustamento clínico.

Características e dinâmicas de vitimação

Características da ex-relação íntima

Todas as relações passadas entre a vítima e o *stalker* eram de natureza heterossexual. Especificamente, mais de metade das vítimas (55.8%, $n = 58$) esteve casada com o respetivo *stalker*, tendo 41.3% ($n = 43$) vivido em união de facto e 2.9% ($n = 3$) mantido um relacionamento de namoro com aquele (sem coabitação). Em média, estes relacionamentos duraram 156.05 meses (aproximadamente 13 anos), variando entre 1 e 576 (i.e., 48 anos) ($DP = 126.75$).

Durante a ex-relação, e tal como referido anteriormente, todas as participantes (100%, $n = 104$) foram alvo de violência, tendo sofrido, em média, mais de 13 atos abusivos distintos ($M = 13.45$, $DP = 5.1$). Simultaneamente, 55.8% ($n = 58$) das inquiridas reconheceu ter dirigido algum ato desta natu-

reza contra o seu ex-parceiro: entre 1 e 10 atos distintos de violência perpetrados ($M = 3.16$, $DP = 2.33$).

Considerando a frequência média dos diferentes tipos de abuso descritos no IVC-3, verificou-se que as vítimas sofreram violência emocional e violência física de forma reiterada ($M = 1.44$, $DP = 0.45$; $M = 1.13$, $DP = 0.59$, respetivamente). Por sua vez, perpetraram qualquer uma destas formas de mau-trato contra o parceiro num registo ocasional (M ‘Violência Emocional’ perpetrada = 0.32, $DP = 0.28$; M ‘Violência física perpetrada’ = 0.18, $DP = 0.19$). Para efeito das restantes análises, considerámos apenas a violência sofrida pelas vítimas durante a relação passada com o *stalker*.

O relacionamento passado foi avaliado por 41.3% ($n = 43$) das vítimas como “extremamente negativo e como “negativo” em 36.5% ($n = 38$) dos casos. Das restantes vítimas, 17.3% ($n = 18$) forneceu uma resposta ambígua (“nem positivo nem negativo”), 1.9% ($n = 2$) considerou a ex-relação “positiva” e 2.9% ($n = 3$) avaliou-a como “extremamente positiva”.

Em média, a rutura do relacionamento com o *stalker* tinha ocorrido há 18.94 meses ($DP = 20.23$), variando num intervalo entre 1 e 84 meses (i.e., 7 anos).

Características do *stalking* pós-rutura

Questionadas sobre se à data da realização do estudo continuavam a ser alvo de *stalking* por parte do ex-parceiro, a maioria das participantes respondeu positivamente: 32% ($n = 33$) afirmou ter a “certeza que sim” e 20.4% ($n = 21$) “pensava que sim”. Por sua vez, 15.5% ($n = 16$) tinha a “certeza que não” e 19.4% ($n = 20$) “pensava que não”. As restantes (12.6%, $n = 13$) não sabiam se este tipo de vitimação teria ou não terminado.

No que concerne à duração do *stalking*, 10.6% ($n = 11$) das participantes relatou durações inferiores a um mês, 28.8% ($n = 30$) entre um a seis meses, 25% ($n = 26$) entre sete a 12 meses, 22.1% ($n = 23$) entre 13 meses a dois anos e 13.5% ($n = 14$) referiu uma duração superior a dois anos.

Em média, as vítimas foram alvo de mais de 18 comportamentos de *stalking* diferentes ($M = 18.75$; $DP = 8.24$), experienciados com uma elevada frequência ($M = 1.65$, $DP = 0.84$). Na tabela 2 ilustra-se a percentagem relativa de cada um dos comportamentos e a frequência média das respetivas categorias. Para este efeito, recodificámos a frequência de cada um dos 35 itens que compõem o ICS-2 numa escala dicotómica (“Nunca” vs “Pelo menos uma vez”) e ordenámo-los em função da sua tipologia.

Tabela 2: Comportamentos de *stalking* sofridos após a rutura

	% relativa(N)
Cortejamento & Aproximação	
Telefonou sem que lhe fosse pedido	89.4 (93)
Procurou obter informações pessoais através dos meus amigos, familiares, colegas	85.6 (89)
Enviou ou deixou-me mensagens	80.8 (84)
Enviou “toques” ou telefonou e desligou sem falar	76.0 (79)
Abordou-me directamente	72.1 (75)
Contactou e/ou tornou-se próximo dos meus amigos, familiares, colegas	63.5 (66)
Forçou encontros	56.7 (59)
Expressou o seu afeto indirectamente	54.8 (57)
Enviou, ou deixou para serem encontrados, cartas ou bilhetes	37.5 (39)
Deu, ou deixou para serem encontrados, presentes	28.8 (30)
Fez dedicatórias públicas	11.5 (12)
<i>Frequência Média (DP)</i>	1.94 (0.91)
Assédio & Invasão	
Apareceu em locais ou nas proximidades de locais frequentados por mim	74.0 (77)
Vigiu ou controlou o meu comportamento	70.2 (73)
Pedi a alguém para me vigiar ou obter informações sobre mim	68.3 (71)
Divulgou informação prejudicial, embaraçosa ou falsa	64.4 (67)
Perseguiu-me	63.5 (66)
Forçou a entrada em minha casa, carro ou outro local onde eu estivesse	51.9 (54)
Leu ou roubou-me correspondência ou documentos pessoais	51.9 (54)
Vasculhou a minha mochila, carteira, cacifo, lixo, etc.	50.0 (52)
Roubou / apoderou-se de objetos pessoais	50.0 (52)
Filmou ou tirou-me fotografias sem autorização	15.4 (16)
<i>Frequência Média (DP)</i>	1.75 (1.02)

Ameaças & Violência

Maltratou-me verbalmente	82.7 (86)
Ameaçou-me verbalmente sobre o que me “poderia acontecer” ou “poderia fazer”	72.1 (75)
Ameaçou fazer mal a si mesmo	58.7 (61)
Ameaçou ou assustou pessoas próximas de mim	55.8 (58)
Agrediu-me ou magoou-me fisicamente	54.8 (57)
Agrediu ou prejudicou pessoas próximas	53.8 (56)
Agarrou-me ou impediu-me de continuar o meu percurso	51.0 (53)
Manteve-me num local contra a minha vontade	45.2 (47)
Partiu, danificou ou destruiu objetos pessoais ou propriedades	42.3 (44)
Ameaçou-me com uma arma ou outro objeto intimidador	37.5 (39)
Forçou contacto sexual contra a minha vontade	35.6 (37)
Pedi a outras pessoas para me assustar, perseguir, ameaçar ou maltratar	29.8 (31)
Atentou contra a minha vida	29.8 (31)
Maltratou ou matou os meus animais de estimação	9.6 (10)
<i>Frequência Média (DP)</i>	1.36 (0.90)

A maioria das vítimas (61.6%, $n = 61$) avaliou a conduta de *stalking* como “um crime” e 33.3% ($n = 33$) como “algo muito grave”. Uma reduzida percentagem das inquiridas apresentou-se algo tolerante face à vitimação sofrida: 3% ($n = 3$) considerou tratar-se de “algo que está errado mas que não é muito grave” e 2% ($n = 2$) afirmou que é “algo normal”.

Considerando a forma como as participantes avaliaram a vitimação, verificou-se existir uma correlação significativamente positiva entre o julgamento veiculado e a frequência média (global) dos comportamentos de *stalking* sofridos ($r_{sp} = .24$, $p = .019$), ou seja, quanto mais as vítimas experienciaram comportamentos desta natureza, menos tolerantes se apresentaram face à conduta do ex-parceiro. Por sua vez, verificámos não existir uma relação significativa entre o julgamento veiculado e a duração do *stalking* ($r_{sp} = .03$, $p = .751$).

Características da ex-relação íntima e do *stalking* pós-rutura: Que conexão?

Considerando a duração da ex-relação e a do *stalking*, verificou-se uma correlação significativamente positiva entre as variáveis ($r_{sp} = .26$,

$p = .008$): quanto mais duradoiro foi o relacionamento passado, mais prolongada foi a conduta de *stalking* pós-ruptura. Além disso, verificou-se existir também uma correlação significativamente positiva entre a duração da separação e a duração do *stalking* ($r_{sp} = .75, p < .001$), sendo que separações mais prolongadas estavam associadas a casos de *stalking* mais longos.

De forma a obtermos uma compreensão clara acerca da relação entre as diferentes modalidades de vitimação, correlacionámos os comportamentos de *stalking* pós-ruptura com a violência sofrida durante a relação entretanto cessada.

Tabela 3: Comportamentos violentos durante a ex-relação e comportamentos de *stalking* pós-ruptura

		Comportamentos de <i>stalking</i> pós-ruptura		
		Cortejamento & Aproximação (Freq. Média)	Assédio & Invasão (Freq. Média)	Ameaças & Violência (Freq. Média)
Maus-tratos na ex-relação	V. Emocional (Freq. Média)	.08 ns	.20*	.27**
	V. Física (Freq. Média)	.04 ns	.21*	.24*

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; ns: Não significativo ($p > .05$); Os valores representam *Coefficientes de Correlação de Spearman* (r_{sp})

Tal como se ilustra na Tabela 3, os comportamentos de *stalking* relativos a ‘Assédio & Invasão’ e os relativos a ‘Ameaças & Violência’ correlacionam-se significativamente e positivamente com a ‘Violência Emocional’ e com a ‘Violência Física’ sofridas durante a ex-relação. Especificamente, a correlação mais forte ocorreu entre estratégias de *stalking* relativas a ‘Ameaças & Violência’ e a ‘Violência Emocional’, ao passo que a correlação mais fraca verificou-se entre os comportamentos de ‘Assédio & Invasão’ e a ‘Violência Emocional’. Por sua vez, os resultados demonstraram não existir associação significativa entre as estratégias de ‘Cortejamento & Aproximação’ e qualquer um dos tipos de abuso experienciados na constância do relacionamento passado.

Respostas emocionais e coping face ao stalking pós-rutura

Na sequência dos comportamentos de *stalking*, a maioria das vítimas (67%, $n = 67$) relatou sentir-se “muito assustada ou amedrontada”. Menos de 1/4 (24%, $n = 24$) sentiu-se “um pouco assustada ou amedrontada” e 9% ($n = 9$) sentiu-se “nada assustada ou amedrontada”. Além disso, quase todas as participantes (92.1%, $n = 93$) relataram que a conduta do ex-parceiro exerceu uma influência negativa nas suas vidas: especificamente, 17.8% ($n = 18$) afirmou que o *stalking* pós-rutura as afetou “um pouco”, 26.7% ($n = 27$) afirmou que afetou “muito” e 47.5% ($n = 48$) afirmou que afetou “significativamente” as suas vidas.

Questionadas sobre o tipo de *coping* adotado face ao *stalking*, a esmagadora maioria das vítimas (94.2%, $n = 98$) referiu ter empreendido alguma estratégia. Destas, mais de metade afirmou ter procurado ajuda junto de amigos ou familiares (66.3%, $n = 67$), junto das autoridades policiais ou judiciais (64.4%, $n = 65$) e/ou optou por evitar o ex-parceiro (55.4%, $n = 56$). Menos de metade da amostra relatou outro tipo de estratégias, nomeadamente a negociação com o ex-parceiro, pedindo-lhe para que interrompesse aqueles comportamentos (45.5%, $n = 46$); a confrontação, assumindo uma postura intimidatória com aquele (40.6%, $n = 41$); e/ou a negação / minimização dos comportamentos sofridos (através do recurso à meditação, medicação, consumo de álcool ou outras substâncias para “esquecer”) (13.9%, $n = 14$). Em média, as vítimas implementaram entre 2 e 3 diferentes tipos de estratégias de *coping* ($M = 2.96$, $DP = 1.36$).

Atendendo às sugestões apontadas na literatura acerca da potencial (in)adequação de diferentes tipos de estratégias (Spitzberg & Cupach, 2001, 2007; Spitzberg, 2002), concluímos que 7.9% ($n = 8$) das vítimas adotou unicamente estratégias consideradas inadequadas (negociar, confrontar e/ou negar/minimizar), 30.7% ($n = 31$) adotou exclusivamente estratégias tidas como adequadas (evitar, procurar apoio junto de amigos / familiares e/ou junto das autoridades policiais / judiciais) e a maioria (58.4%, $n = 59$) implementou um conjunto de estratégias mistas (pelo menos, um tipo de estratégia considerada adequada e um tipo considerado inadequado).

Impacto psicossocial e fatores preditores de desajustamento clínico

No OQ-45.2, as participantes apresentaram um resultado total médio de 63.90 ($DP = 24.69$), variando num intervalo entre 15 e 134. Assim, e tomando como referência os valores normativos descritos por Machado & Fassnacht (em preparação), 57.7% ($n = 60$) das vítimas exibiu uma condição de ajustamento clínico e as restantes (42.3%, $n = 44$) manifestavam desajustamento clinicamente significativo.

Impacto psicossocial e características sócio-demográficas

Os resultados demonstraram não existir diferenças significativas entre vítimas clinicamente ajustadas e desajustadas ao nível da idade ($t(102) = -0.62, p = .536$). Por sua vez, encontramos uma associação significativa entre as habilitações literárias das inquiridas (até ao 3º ciclo do Ensino Básico vs mais do que o 3º ciclo do Ensino Básico) e a respetiva condição clínica ($X^2(1) = 8.79, p = .003$), sendo que a maioria daquelas que terminou o secundário/curso superior (68%) reportou desajustamento psicossocial clinicamente significativo, ao passo que a maioria daquelas (65.8%) com graus de instrução inferior apresentou-se clinicamente ajustada. No que concerne à relação entre o nível de (des)ajustamento e o estatuto sócio – económico (Baixo/Médio-Baixo vs Médio/Médio-Alto), concluímos pela inexistência de qualquer associação significativa entre as variáveis ($X^2(1) = 0.17, p = .683$).

Impacto psicossocial e características da ex-relação

Considerando as características da ex-relação, concluímos que não existiam diferenças significativas entre os grupos ao nível da duração do relacionamento ($t(102) = 0.70, p = .488$) e ao nível da frequência média (global) dos comportamentos violentos sofridos durante aquele período de tempo ($t(102) = -0.88, p = .379$).

Impacto psicossocial e características do *stalking* pós-rutura

Por sua vez, atendendo às características do *stalking*, não foi encontrada qualquer associação significativa entre o curso da vitimação e o nível de impacto psicossocial exibido ($X^2(4) = 3.34, p = .503$), assim como entre aquela variável de sintomatologia e a duração da experiência (menor que 6 meses vs maior ou igual a 6 meses; $X^2(1) = 2.20, p = .138$). Já em relação à frequência média (global) dos comportamentos de *stalking*, verificou-se uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos em análise ($t(102) = -3.13, p = .002$): as vítimas que exibiram desajustamento clínico relataram ter sido alvo de comportamentos desta natureza mais frequentemente ($M = 1.94; DP = 0.78$) do que aquelas que não exibiram a mesma condição clínica ($M = 1.44; DP = 0.82$).

Impacto psicossocial e tipo de estratégias de *coping* adotadas

Analisando a relação entre o tipo de *coping* e o nível de impacto exibido, e tal como se ilustra na Tabela 4, encontrou-se uma associação estatisticamente significativa entre a sintomatologia e a resposta de evitamento: a maioria das vítimas que evitou o ex-parceiro exibiu ajustamento clínico e a maioria daquelas que não adotou esta estratégia manifestou desajustamento com relevância clínica. Também foi encontrada uma associação estatística-

mente significativa entre a estratégia de confrontação e o nível de impacto psicossocial: a maioria das vítimas que confrontou o *stalker* apresentou desajustamento clínico, ao contrário da maioria daquelas que não empreendeu este tipo de estratégia.

Tabela 4: Nível de impacto e tipo de estratégias de *coping* adotadas

		Vítimas clinicamen- te AJUSTADAS (<i>n</i> = 58)	Vítimas clinicamen- te DESAJUSTADAS (<i>n</i> = 43)	$\chi^2(1)$
Ajuda Amigos/Família	NÃO	50% (17)	50% (17)	1.16 ns
	SIM	61.2% (41)	38.8% (26)	
Ajuda Polícia	NÃO	69.4% (25)	30.6% (11)	3.31 ns
	SIM	50.8% (33)	49.2% (32)	
Evitar	NÃO	44.4% (20)	55.6% (25)	5.60 *
	SIM	67.9% (38)	32.1% (18)	
Negociar	NÃO	65.5% (36)	34.5% (19)	3.18 ns
	SIM	47.8% (22)	52.2% (24)	
Confrontar	NÃO	68.3% (41)	31.7% (19)	7.19**
	SIM	41.5% (17)	58.5% (24)	
Negar/Minimizar	NÃO	57.5% (50)	42.5% (37)	0.00 ns
	SIM	57.1% (8)	42.9% (6)	

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$, ns: Não significativo ($p > .05$)

Preditores de desajustamento psicossocial clinicamente significativo

A regressão logística (método *Enter*) foi usada para proceder à previsão do desajustamento clínico a partir das variáveis que, nas análises anteriores, se mostraram significativamente relacionadas com o nível de impacto psicossocial. Refira-se que as análises preliminares revelaram estarem cumpridos os pressupostos subjacentes à utilização deste tipo de análise, nomeadamente dimensão adequada da amostra, ausência de multicolinearidade e de *outliers* (Pallant, 2007).

Os preditores foram inseridos em três blocos, tal como se ilustra na Tabela 5: no primeiro bloco foram inseridas as características sócio-demográficas das vítimas (i.e., habilitações literárias), no segundo introduziram-se as características da vitimação por *stalking* (i.e., frequência média global dos comportamentos) e no terceiro integraram-se as respostas de *coping* (i.e., evitar e confrontar).

Tabela 5: Preditores de desajustamento psicossocial clinicamente significativo

Bloco		B	S.E.	Wald	df	p	95% I.C. para OR		Modelo	
							Odds Ratio	Superior		
1	Hab. Literárias	1.41	0.50	8.10	1	.004	4.08	1.55	10.76	$\chi^2(1)=8.68^{***}$
2	Hab. Literárias	1.06	0.52	4.23	1	.04	2.89	1.05	7.99	
	<i>Stalking</i> (Freq. Média)	0.74	2.97	6.12	1	.013	2.09	1.17	3.74	$\chi^2(2)=15.39^{***}$
3	Hab. Literárias	1.04	0.58	3.17	1	.075	2.83	0.90	0.90	
	<i>Stalking</i> (Freq. Média)	0.78	0.31	6.44	1	.011	2.18	1.19	1.19	$\chi^2(4)=26.66^{***}$
	Evitar	-1.41	0.50	7.89	1	.005	0.20	0.09	0.09	
	Confrontar	0.73	0.50	2.10	1	.15	2.07	0.77	0.77	

Nota. Variável a predizer: Desajustamento psicossocial clinicamente significativo (0=Sem desajustamento, 1=Com desajustamento)

Preditores dicotómicos: Habilitações literárias (0=até ao 3º ciclo do Ensino Básico, 1=mais do que o 3º ciclo do Ensino Básico); Evitar (0=Não, 1=Sim); Confrontar (0=Não, 1=Sim)

p<.01; *p<.001; ns: Não significativo (p > .05)

O modelo com as características da vítima (i.e., habilitações literárias) explicou entre 8.5% e 11.4% da variância (*Cox & Snell R Square* e *Nagelkerke R Square*, respetivamente) e classificou corretamente 66.3% dos casos. As habilitações literárias da vítima assumiram uma contribuição individual estatisticamente significativa na predição do desajustamento psicossocial, sendo que as inquiridas com graus de formação mais elevados evidenciaram maior probabilidade de exibir aquela condição clínica.

A introdução da frequência média dos comportamentos de *stalking* sofridos contribuiu para aumentar ligeiramente o poder preditivo do modelo, o qual passou a explicar entre 14.5% e 19.5% da variância (*Cox & Snell R Square* e *Nagelkerke R Square*, respetivamente). Ainda assim, o número de casos corretamente classificados sofreu um ligeiro decréscimo (64.5%). Ambas as variáveis revelaram-se preditores significativos do desajustamento psicossocial: mais uma vez, as vítimas com habilitações mais elevadas evidenciaram maior probabilidade de exibir aquela condição clínica, o mesmo acontecendo com aquelas que sofreram comportamentos de *stalking* mais frequentemente.

As variáveis incluídas no terceiro bloco, relativas às estratégias de *coping* adotadas face a esta experiência de vitimação, vieram acrescentar um contributo ainda mais importante na predição do desajustamento psicossocial, tendo o modelo passado a explicar de 23.8% a 32% da variância (*Cox & Snell R Square* e *Nagelkerke R Square*, respetivamente) e a classificar corretamente 69.4% dos casos. Neste caso, apenas dois dos preditores incluídos exerceram uma contribuição individual estatisticamente significativa na predição daquela condição: a frequência média dos comportamentos de *stalking* (preditor mais forte) e a estratégia de evitamento. Pudemos concluir que as vítimas que foram mais frequentemente alvo daquele tipo de comportamentos e aquelas que não evitaram os contactos com o *stalker* tinham maior probabilidade de manifestar desajustamento psicossocial com relevância clínica.

Discussão

Assumindo particular relevância dada a escassez de investigação em Portugal sobre esta temática, os resultados deste estudo revelam uma realidade preocupante sobre as mulheres vítimas de violência doméstica e de *stalking* por parte do ex-parceiro.

A análise da vitimação por *stalking* após a separação ilustra conceções amplamente documentadas na literatura sobre o tema, entre as quais se destaca a sua natureza altamente prolongada: mais de 60% da amostra foi alvo deste tipo de violência durante 6 ou mais meses, tendo 13.5% das inquiridas reportado uma duração superior a 2 anos. Esta evidência está de acordo com

a representação traduzida nos diferentes estudos internacionais conduzidos junto desta população (e.g., Brewster, 1998; Mechanic, Weaver, & Resick, 2002) e suporta a ideia de que, neste contexto em particular, o risco de uma vitimação persistente e continuada é expressivo (cf. McEwan et al., 2007). No que concerne à natureza dos comportamentos, os resultados são também bastante esclarecedores e concordantes com a literatura internacional (Spitzberg & Cupach, 2007), sendo possível identificar um *continuum* comportamental que abrange ações com uma gravidade bastante distinta entre si. Especificamente, os comportamentos mais comuns (reportados por mais de 70% das participantes), incluíram telefonemas ou outro tipo contacto telefónico indesejado, tentativas para obter informações pessoais sobre a vítima através de terceiros, abordagens diretas, aparecimento nos locais ou nas proximidades dos locais frequentados por aquela, vigilância ou controlo do seu comportamento, assim como agressões e ameaças, ambas de natureza verbal. Importa sublinhar que o carácter coberto de muitas destas ações poderá colocar os seus intervenientes em posições paradoxais: se, para o *stalker*, os riscos envolvidos são menores (e.g., ausência de tipificação criminal para vários destes atos), para a vítima torna-se mais difícil proteger-se das mesmas (e.g., maior dificuldade de ver as suas necessidades acreditadas por terceiros). Para além disso, estes resultados sugerem que o *stalking* tem na sua génese uma forma de violência mais camuflada ou “invisível”, hipótese que vai ao encontro das indicações também apontadas por outros autores (e.g., Mechanic, Weaver, & Resick, 2002).

Ainda assim, os comportamentos sofridos durante a campanha de *stalking* pós-rutura situados no pólo mais extremo do *continuum* comportamental foram muito elevados: atos de violência física (53.8%), ameaças com armas ou outros objetos intimidatórios (37.5%) ou ações contra a sua própria vida (29.8%). Estes resultados corroboram evidências documentadas noutros trabalhos, nomeadamente aqueles que identificam a presença de ameaças (no geral) como um dos preditores mais significativos para a ocorrência de abuso físico (e.g., Brewster, 2002; Roberts, 2005) e aqueles que apresentam o cenário de *stalking* no âmbito de relações íntimas como o de maior risco (cf., McEwan et al., 2007). De realçar ainda o facto de, não raras vezes, este tipo de ofensores ter envolvido terceiros na campanha de assédio perpetrada, quer como seus aliados, quer como alvos secundários dos seus comportamentos, o que é igualmente compatível com os dados disponíveis na literatura (e.g., Melton, 2007).

A esmagadora maioria das vítimas avaliou a conduta de *stalking* sofrida como “um crime” ou “algo muito grave”. Os julgamentos menos tolerantes estavam associados a experiências caracterizadas por uma maior reiteração deste tipo de comportamentos. Julgamos que outros fatores podem ter contribuído para esta atitude geral de reprovação da campanha de assédio

pós-rutura, nomeadamente o acompanhamento institucional recebido e, sobretudo, a história passada de violência perpetrada pelo mesmo agente. Ao violar as expectativas das mulheres face à reserva, edificação e preservação do “seu próprio território” (Wuest & Merrit-Gray, 1999, p. 118), este tipo de conduta poderá ser vista como um obstáculo à construção de um projeto de vida alternativo e imune à violência, pondo em causa os propósitos que, possivelmente, presidiram à decisão de separação.

As conclusões sobre a relação entre diferentes comportamentos abusivos ocorridos durante a ex-relação e diferentes comportamentos de *stalking* ocorridos após a rutura constituem mais um alicerce para a conceptualização do *stalking* como uma faceta da violência na intimidade (e.g., Basile & Hall, 2010; Miller, 2006). A este respeito, não podemos ignorar a aproximação conceptual entre os comportamentos de ‘Cortejamento & Aproximação’ e as estratégias que, tipicamente, caracterizam a fase de “lua-de-mel” do ciclo da violência (Walker, 1994): durante a relação, este tipo de atos serve para o ofensor envolver a vítima de “bons tratos”, investindo na sua sedução através de estratégias de manipulação; contudo, durante aquele período de tempo, a mulher vítima raramente tem consciência do nível de manipulação envolvido naquele tipo de atos e, em virtude disso, não lhes reconhece um carácter abusivo. Contrariamente, porque a separação traduz o seu desejo em cessar os contactos com o ex-parceiro, aqueles atos de cortejamento e sedução passam agora a não ser bem recebidos pela mulher e esta parece estar assim mais capaz de os perceber como intrusivos e manipulativos.

A forma como as vítimas respondem à experiência de *stalking* constitui outra dimensão importante deste estudo. Desde logo, importa sublinhar que quase todas as participantes (91%) relataram algum nível de medo na sequência dos comportamentos perpetrados pelo ex-parceiro, levando-nos a concluir pelo carácter endémico desta reação, sendo estes dados corroborados pela investigação internacional (e.g., Brewster, 1998). Além disso, a esmagadora maioria das participantes (92.1%) reconheceu que este tipo de vitimação pós-rutura teve uma influência negativa nas suas vidas, reforçando o efeito nocivo destas experiências (e.g., Mechanic, 2002).

Ainda assim, as vítimas demonstraram ser ativas na gestão individual da violência sofrida, empreendendo diferentes tipos de estratégias de *coping* face aos comportamentos de *stalking* perpetrados pelo ex-parceiro. Embora tenhamos percebido que a maioria acabou por adotar, simultaneamente, estratégias tidas como positivas e outras menos eficazes (Spitzberg & Cupach, 2001, 2007; Spitzberg, 2002), as respostas mais frequentemente apontadas pelas participantes correspondem aos estilos de *coping* recomendados pela literatura, situação que pode ser compreendida pelo acompanhamento institucional de que todas usufruíram. Além disso, o facto de acumu-

larem a vitimação doméstica anterior pode explicar também o seu maior sucesso e *expertise* na gestão da violência pós separação.

Em termos psicossociais, 57.7% das vítimas encontrava-se clinicamente ajustada, contrariamente às restantes 42.3%, onde foi identificado desajustamento com relevância clínica. A condição sub-clínica manifestada por mais de metade da amostra pode ser compreendida de diferentes formas, entre as quais o pressuposto de “anestesia ao mal-estar” (Ravazola, 1997). Julgamos, contudo, que esta explicação é pouco compatível com a reduzida tolerância face à conduta de *stalking* evidenciada pela esmagadora maioria das participantes. Provavelmente, estas mulheres possuem fatores de resiliência pessoal e/ou dispõem de outras circunstâncias protetoras (e.g., apoio e suporte informal mais efetivo, autoconceito positivo) que lhes permitiram preservar ou recuperar a sua condição psicossocial, apesar das dificuldades e adversidades enfrentadas (Spitzberg, 2002). Além disso, importa também atender ao tempo de separação e à possibilidade de reorganização das suas vidas graças ao apoio institucional recebido.

Por fim, de modo a identificarmos os preditores de desajustamento clínico, conduzimos uma análise de regressão logística, com base nas variáveis que relevaram uma relação estatisticamente significativa com aquela variável de sintomatologia em análises prévias.

Assim, quando se analisaram exclusivamente as características da vítima (i.e., habilitações literárias), concluímos que as vítimas com um grau de formação mais elevado (ensino secundário e/ou universitário) tinham maior probabilidade de exibir desajustamento psicossocial clinicamente significativo. Este dado poderá ser explicado pelo facto da maior instrução facilitar a perceção do carácter intrusivo e violador das liberdades individuais que os comportamentos de *stalking* encerram.

Quando se exploraram de forma conjunta as características da vítima e as dinâmicas do *stalking* (i.e., frequência média global dos comportamentos), constatámos que ambas as variáveis eram preditores do desajustamento psicossocial, sendo que as vítimas que sofreram comportamentos de *stalking* mais frequentemente apresentaram maior probabilidade de manifestar aquela condição clínica. Estes resultados vão ao encontro das conclusões de outros trabalhos (e.g., Mechanic, Uhlmansiek et al., 2002) e demonstram que esta modalidade de vitimação assume um papel particularmente crítico na explicação da sintomatologia exibida por mulheres alvo de múltiplas experiências de violência no contexto relacional, especialmente quando os comportamentos de *stalking* assumem um formato altamente reiterado, situação que pode ser explicada pelo seu carácter mais imprevisível e pela prolongada exposição à ameaça que impõe (e.g., Collins & Wilkas, 2001).

A análise conjunta das características da vítima, das dinâmicas de *stalking* e do tipo de estratégias de *coping* adotadas pelas participantes (i.e.,

evitar e confrontar) permitiu concluir que o desajustamento psicossocial exibido por vítimas de *stalking* pós-rutura resulta de uma interação complexa de variáveis de naturezas várias. Neste último caso, apenas dois dos preditores incluídos exerceram uma contribuição individual estatisticamente significativa na predição: a frequência média dos comportamentos de *stalking* (preditor mais forte) e a estratégia de evitamento. Em relação a este último, sucedeu que as vítimas que não evitaram os contactos com o *stalker* tinham maior probabilidade de manifestar desajustamento psicossocial com relevância clínica. Este resultado sugere que o tipo de *coping* utilizado pode exercer um importante papel mediador na relação entre a vitimação por *stalking* e o desajustamento psicossocial exibido pelas vítimas e fornece sustentação empírica às concepções que apresentam esta estratégia como uma das mais eficazes em situações de *stalking* (Spitzberg & Cupach, 2001, 2007; Spitzberg, 2002). O evitamento dos contactos, não só dificulta a tarefa ao *stalker* e diminui o risco de revitimação, como pode favorecer sentimentos de autoeficácia na gestão desta experiência.

Neste sentido, os resultados deste trabalho sugerem que a intervenção com vítimas de *stalking* por parte de ex-parceiros deve contemplar um conjunto específico de saberes, competências e conhecimentos. Intervir “às cegas” ou importando práticas de outros contextos, não só é pouco eficaz como encerra possíveis incorreções, dadas as idiosincrasias desta modalidade de vitimação. A este nível, destaca-se a necessidade de o profissional desenvolver junto da vítima estratégias adequadas para lidar com o *stalker*. Especificamente, importa reforçar junto daquela a necessidade e pertinência de transmitir ao *stalker* o seu desinteresse e desagrado face à atenção recebida, através de uma mensagem breve, explícita, não emotiva e desprovida de justificações; depois de transmitido o desinteresse, a vítima deverá ser sensibilizada para a importância de cessar todos os contactos com o *stalker*, de modo a não reforçar os seus comportamentos, nem contribuir inadvertidamente para a sua perpetuação (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011).

Este estudo permitiu corroborar evidências internacionais já disponíveis sobre o *stalking* no contexto de relações íntimas, chamando a atenção para uma realidade que, embora seja comumente relatada pelas mulheres vítimas de maus tratos conjugais, continua votada a alguma negligência no panorama nacional. Interessa, pois, aperfeiçoar o conhecimento nacional desta realidade e investir na melhoria das políticas de intervenção, capazes de patrocinar respostas efetivas às múltiplas necessidades enfrentadas pelas vítimas de violência no contexto de relacionamentos íntimos.

Não obstante os contributos alcançados, importa refletir sobre algumas limitações deste trabalho. O facto de termos utilizado uma amostra de conveniência inviabiliza, desde logo, a generalização dos resultados obtidos. Outra limitação deste estudo prende-se com a particular ênfase conferida aos

atos de violência emocional e física ocorridos durante a ex-relação, deixando por abordar a violência sexual durante aquele período de tempo; esta limitação é inerente à medida utilizada (IVC-3), não deixando de ter sido ponderada aquando da sua escolha (que, ainda assim, foi selecionada dado tratar-se de um instrumento validado e aferido para a população portuguesa). Além disso, o facto de a amostra ter sido recolhida em instituições formais poderá ter potenciado o contacto com casos mais extremos, caracterizados precisamente pela experiência cumulativa de diferentes modalidades de vitimação e por níveis elevados de dificuldades psicossociais. Finalmente, outra reserva deste estudo prende-se com o seu *design* retrospectivo.

Referências

- Basile, K. C. & Hall, J. (2010). Intimate partner violence perpetration by court-ordered men: Distinctions and intersections among physical violence, sexual violence, psychological abuse and stalking. *Journal of Interpersonal Violence*. DOI: 10.1177/0886260510362896.
- Brewster, M. P. (1998). An exploration of the experiences and needs of former intimate stalking victims. *Final report submitted to the National Institute of Justice*. West Chester, PA: West Chester University.
- Brewster, M. P. (2002). Stalking by former intimates: Verbal threats and other predictors of physical violence. In K. E. Davies, I. H. Frieze, & R. D. Maiuro (Eds.), *Stalking. Perspectives on Victims and Perpetrators* (pp. 292-311). New York: Springer Publishing Company.
- Burgess, A. W., Harner, H., Baker, T., Hartman, C. R., & Lole, C. (2001). Batterers stalking patterns. *Journal of Family Violence*, 16(3), 309-321.
- Campbell, J. C., Glass, N., Sharps, P. W., Laughon, K., & Bloom, T. (2007). Intimate partner homicide. Review and implications of research and policy. *Trauma, Violence, & Abuse*, 8(3), 246-269.
- Collins, M. J. & Wilkas, M. B. (2001). Stalking trauma syndrome and the traumatized victim. In J. A. Davies (Ed.), *Stalking crimes and victim protection. Prevention, intervention, threat assessment, and case management* (pp. 317-334). Florida: CRC Press.
- Dutton, L. B. & Winstead, B. A. (2010). Types, frequency, and effectiveness of responses to Unwanted Pursuit and Stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(10), 1-28.
- Fife-Schaw, C. (2000). Levels of Measurement. In G. M. Breakwell, S. Hammond, & C. Fife-Schaw (Eds.), *Research Methods in Psychology* (2rd Edition, pp. 147-157). London: Sage.
- Grangeia, H. & Matos, M. (em preparação). How far does love go? Gendered perspectives on unwanted relational pursuit.

- Grangeia, H. & Matos, M. (2010). *Stalking: Consensos e Controvérsias*. In C. Machado (Coord.), *Novos olhares sobre a vitimação criminal: teorias, impacto e intervenção* (pp. 121-166). Braga: Psiquilíbrios.
- Grangeia, H., Matos, M., & Machado, C. (2008). Inventário de Comportamentos de *Stalking*. In C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, V. Ramalho, & S. Martins (Eds.), *XII Atas do Congresso Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Kamphuis, J. H. & Emmelkamp, P. M. G., & Bartak, A. (2003). Individual differences in post-traumatic stress following post-intimate stalking: Stalking severity and psychosocial variables. *British Journal of Clinical Psychology*, *42*, 145-156.
- Logan, TK & Walker, R. (2009). Partner stalking. Psychological dominance or “business as usual”? *Trauma, Violence, & Abuse*, *10*(3), 247-270.
- Logan, TK, Shannon, L., Cole, J., & Walker, R. (2006). The impact of differential patterns of physical violence and stalking on mental health and help-seeking among women with protective orders. *Violence Against Women*, *12*(9), 866-886.
- Lowney, K. S. & Best, J. (1995). Stalking strangers and lovers: changing media typifications of a new crime problem. In J. Best (Ed.), *Images of issues: Typifying contemporary social problems* (pp. 33-57). New York: Aldine de Gruyter.
- Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M.M. (2006). Inventário de Violência Conjugal. In Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M.M. (Eds.), *Manual da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal e do Inventário de Violência Conjugal* (pp. 12-14). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011). *Stalking: Boas práticas no apoio à vítima. Manual para profissionais*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- McEwan, T. E., Mullen, P. E., & Purcell, R. (2007). Identifying risk factors in stalking: review of current research. *International Journal of Law and Psychiatry*, *30*, 1-9.
- Mechanic, M. B. (2002). Stalking victimization: Clinical implications for assessment and intervention. In K. E. Davis, I. H. Frieze, & R. D. Maiuro (Eds.), *Stalking: Perspectives on victims and perpetrators* (pp. 31-61). New York: Springer Publishing Company.
- Mechanic, M. B., Uhlmansiek, M. H., Weaver, T. L., & Resick, P. A. (2002a). The impact of severe stalking experienced by acutely battered women: An examination of violence, psychological symptoms and strategic responding. In K. E. Davis, I. H. Frieze, & R. D. Maiuro (Eds.), *Stalking: Perspectives on victims and perpetrators* (pp. 89-111). New York: Springer Publishing Company.
- Mechanic, M. B., Weaver, T. L., & Resick, P. A. (2002b). Intimate partner violence and stalking: Exploration of patterns and correlates in a sample of acutely battered women. In K. E. Davis, I. H. Frieze, & R. D. Maiuro (Eds.), *Stalking: Perspectives on victims and perpetrators* (pp. 62-88). New York: Springer Publishing Company.
- Meloy, J. R. (2007). Stalking: The state of the science. *Criminal Behaviour and Mental Health*, *17*, 1-7.

- Melton, H. C. (2007). Stalking in the context of intimate partner abuse. In the victims' words. *Feminist Criminology*, 2(4), 347-363.
- Miller, J. A. (2006). A specification of the types of intimate partner violence experienced by women in the general population. *Violence Against Women*, 12(12), 1105-1131.
- Mohandie, K., Meloy, J. R., McGowan, M. G., & Williams, J. (2006). The RECON typology of stalking: Reliability and validity based upon a large sample of North American stalkers. *Journal of Forensic Sciences*, 51, 147-155.
- Morewitz, S. J. (2003). *Stalking and violence: New patterns of trauma and obsession*. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers.
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: New constructions of human behaviour. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 35, 9-16.
- O'Connor, M. & Rosenfeld, B. (2004). Introduction to the special issue on stalking. Finding and filling the empirical gaps. *Criminal Justice and Behavior*, 31(1), 3-8.
- Machado, P. P. P. & Fassnacht, D. (em preparação). The Outcome Questionnaire (OQ-45) in a Portuguese Population: Psychometric Properties, ANOVAS, and Confirmatory Factory Analysis.
- Pallant, J. (2007). *SPSS. Survival Manual. A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (3th Edition)*. London: McGraw-Hill.
- Ravazola, M. C. (1997). *Historias infames: Los maltratos en las relaciones*. Buenos Aires: Paidós Terapia Familiar.
- Roberts, K. A. (2005). Women's experience of violence during stalking by former romantic partners. *Violence Against Women*, 11(1), 89-114.
- Sheridan, L. P., Blauw, E., & Davies, G. M. (2003). Stalking: knowns and unknowns. *Trauma, Violence, & Abuse*, 4, 148-162.
- Spitzberg, B. H. & Cupach, W. R. (2001). Paradoxes of pursuit: Toward a relational model of stalking-related phenomena. In J. A. Davies (Ed.), *Stalking crimes and victim protection. Prevention, intervention, threat assessment, and case management* (pp. 97-136). Florida: CRC Press.
- Spitzberg, B. H. & Cupach, W. R. (2007). The state of art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 64-86.
- Spitzberg, B. H. (2002). The tactical topography of stalking victimization and management. *Trauma, Violence, & Abuse*, 3, 261-288.
- Walker, L. E. A. (1994). *Abused Women and Survivor Therapy: A practical guide for the psychotherapist*. Washington D. C.: American Psychological Association.
- Wuest, J. & Merrit-Gray, M. (1999). Not going back: Sustaining the separation in the process of leaving abusive relationships. *Violence Against Women*, 5(2), 110-133.